



COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
LACES E DESENLACES
VOL. I

 **Atena** Editora

2018

Atena Editora

Comunicação e Educação
Laces e Desenlaces
Vol. I

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e educação [recurso eletrônico] : laces e desenlaces /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
335 p. : 11.673 kbytes – (Comunicação e Educação; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 9788593243912
DOI 10.22533/at.ed.912181605

1. Comunicação. 2. Comunicação na educação. 3. Educação.
I. Título. II. Série.

CDD 370.14

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO 1 A COMUNICAÇÃO COMO MERCADORIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O MERCADO DA MÍDIA E A DEMOCRACIA	5
<i>Cristine Rahmeier Marquette</i>	
CAPÍTULO 2 A COMUNICAÇÃO CRISTÃ ATRAVÉS DA MÚSICA: SUA RELAÇÃO COM AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS E A IDENTIDADE DO NOVO MOVIMENTO PÓS-GOSPEL.....	15
<i>Isabelle Loureiro Tavares</i>	
<i>Mirian Martins da Motta Magalhães</i>	
CAPÍTULO 3 A GREVE GERAL DE 1917 PELA EBC: UMA REFLEXÃO SOBRE O IMAGINÁRIO NA COBERTURA DA ESTATAL DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA A UM DOS EVENTOS MAIS MARCANTES DA HISTÓRIA	30
<i>Tarcis Prado Junior</i>	
<i>Moises Cardoso</i>	
<i>Franco Iacomini Junior</i>	
<i>Antonio Carlos Persegani Florenzano</i>	
<i>Patricia de Andrade</i>	
CAPÍTULO 4 A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: 40 ANOS DE TRAJETÓRIA NA INTERCOM	44
<i>Maria Salett Tauk Santos²</i>	
CAPÍTULO 5 A VELOCIDADE NA COMUNICAÇÃO: QUESTÕES DE EMISSÃO E RECEPÇÃO NA SOCIEDADE DA CIBERCULTURA.....	54
<i>Dirceu Martins Alves</i>	
CAPÍTULO 6 AS ORGANIZAÇÕES COMO ESTRUTURAS DE INTERAÇÃO COMUNICATIVA	68
<i>Selma Regina Ramalho Conte</i>	
CAPÍTULO 7 ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO COMO EIXO ESTRATÉGICO NO ÂMBITO EMPRESARIAL: APONTAMENTOS INICIAIS PARA UM PLANO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA NA UNIMED AGRESTE MERIDIONAL.....	81
<i>Tárcila Driely de Souza Cabral</i>	
<i>Ingrid Andressa de Almeida Querino Azevedo</i>	

CAPÍTULO 8 | CENSURA X LIBERDADE DE EXPRESSÃO: A COBERTURA DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO EM CENÁRIOS DE CORRUPÇÃO POLÍTICA..... 92

Carla Montuori Fernandes

Genira Correia Chagas

Márcio Bico

CAPÍTULO 9 | CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ COMO ACONTECIMENTO: PATRIMÔNIO DE QUÊ, PRA QUEM? 107

Fernanda Safira Soares Campos

Heloisa de Lima Gomes

Leonardo Rodrigues Corrêa

Pedro Pinto de Oliveira

CAPÍTULO 10 | CULTURA COMPARTILHADA EM COMUNIDADES VIRTUAIS: CONVERSAS SOBRE O VEGANISMO 119

Karime KAMEL

CAPÍTULO 11 | ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS PARA SOLUÇÕES DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO APLICADAS À ADEQUAÇÃO DA PAISAGEM RURAL AO CÓDIGO FLORESTAL BRASILEIRO..... 134

Márcia Izabel Fugisawa Souza

Tércia Zavaglia Torres

Nadir Rodrigues Pereira

João dos Santos Vila da Silva

Daniel Rodrigo de Freitas Apolinário

CAPÍTULO 12 | MARKETING DE RELACIONAMENTO COMO FERRAMENTA DE RETENÇÃO DE CLIENTES: ESTUDO DE PROGRAMAS DE FIDELIDADE DE JORNAIS BRASILEIROS..... 149

Guaracy Carlos da Silveira

Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa

CAPÍTULO 13 | TEORIA CRÍTICA E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO PARA A CONDIÇÃO MUDIÁTICA CONTEMPORÂNEA1..... 162

Tarcísio de Sá Cardoso

Jenifer Santos Souza

CAPÍTULO 14 | A REPRESENTAÇÃO DA MÍDIA JORNALÍSTICA NA GRAPHIC NOVEL “PÉRSEPOLIS” 176

Ana Beatriz Leite de Souza

Diego dos Santos Barbosa

CAPÍTULO 15 ENQUADRAMENTOS E CONSTRUÇÕES DA REALIDADE: A ANÁLISE COMPARATIVA DA COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E 2015 NA REVISTA VEJA.....	189
<i>Christinny Matos Garibaldi Pires</i>	
CAPÍTULO 16 GUERRA E FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA REVISTA REALIDADE NA COBERTURA DA GUERRA DO VIETNÃ.....	203
<i>Verônica Scheifer</i>	
<i>Carlos Alberto de Souza</i>	
CAPÍTULO 17 JORNALISMO DE VIAGEM: NARRATIVAS AUDIOVISUAIS DIGITAIS NO JORNALISMO ESPECIALIZADO DE TURISMO E A AUDIÊNCIA NO FACEBOOK	214
<i>Laíz SILVEIRA</i>	
<i>Valdecir BECKER</i>	
CAPÍTULO 18 LIVRO-REPORTAGEM MEMÓRIAS DE FOGO E DE DOR.....	227
<i>Tatiane Milani</i>	
<i>Rubia Steffens</i>	
<i>Luciane Volpatto Rodrigues</i>	
<i>Tatiane Dos Santos Pacheco</i>	
<i>Alessandra Francieli Weiler</i>	
CAPÍTULO 19 O INVERNO NO PAÍS DO VERÃO: UMA ANÁLISE SOBRE TELEJORNALISMO E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS URBANOS	234
<i>Ana Carolina Rocha Pessoa TEMER²</i>	
CAPÍTULO 20 O JORNALISMO PERITO E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS	249
<i>Doraci Masiero Jacobus</i>	
CAPÍTULO 21 O NOVO MODELO DE COMUNICAÇÃO NO JORNALISMO PÓS INDUSTRIAL: CASE CATRACA LIVRE	263
<i>Luiza Teixeira do Nascimento</i>	
<i>Rhanica Evelise Toledo Coutinho</i>	
CAPÍTULO 22 O PERFIL INOVADOR DAS TRÊS ÁREAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (JORNALISMO, PUBLICIDADE E PROPAGANDA E RELAÇÕES PÚBLICAS).....	276
<i>Aniele Uhlmann Spinosa</i>	
<i>Daniele Iachecen</i>	
<i>Kelly Balbino</i>	

CAPÍTULO 23 | OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA (1998-2016): O FIM DO DEBATE CRÍTICO SOBRE O JORNALISMO BRASILEIRO NA TV PÚBLICA**290**

Lilian Saback de Sá Moraes

CAPÍTULO 24 | QUAL A LINHA EDITORIAL E POLÍTICA DOS COMUNICADORES MAIS INFLUENTES NAS REDES SOCIAIS? UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA VOTAÇÃO DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF **301**

Maíra BITTENCOURT

César MAIA

CAPÍTULO 25 | RECONFIGURAÇÃO MIDIÁTICA SEGUNDO CONCEITOS DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTADÃO.COM.BR E HUFFPOST BRASIL.....**315**

Jonas Gonçalves

Edson Capoano

SOBRE OS AUTORES**327**

CAPÍTULO 6

AS ORGANIZAÇÕES COMO ESTRUTURAS DE INTERAÇÃO COMUNICATIVA

Selma Regina Ramalho Conte

*Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas
Curitiba - PR*

RESUMO: A convergência entre cultura e comunicação e a forma como se equivalem manifestam-se nas interações, entendidas como a própria comunicação, e nas relações interpessoais dentro das organizações. O presente artigo emprega a noção de interação fundamentalmente a partir de Jürgen Habermas (2012a; 2012b) e a Teoria do Agir Comunicativo, com o objetivo de entender como essas mesmas relações se constroem, se articulam e se concretizam. Aponta-se o trabalho realizado no Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na utilização do instrumento administrativo ‘comissões’, como um exemplo prático e que pode ser usado em todos os tipos de organizações, demonstrando como essas mesmas organizações se tornam estruturas de interação. Identifica a mediação do processo pela linguagem, que dá suporte ao entendimento, permitindo exteriorizações por meio de diálogos e discursos; e a racionalidade como pressuposto para normas, valores e o entendimento em comum. Destaca que os indivíduos se baseiam em seus contextos – objetivo, social e subjetivo – e submetem suas exteriorizações à validação pelos demais participantes. Conclui-se que as organizações precisam considerar a importância da dimensão humana, pois esta importância transparece nas interações que consolidam, fortalecem, impulsionam e inovam as organizações como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Interação Comunicativa; Relações Interpessoais; Comunicação Organizacional; Linguagem.

1. INTRODUÇÃO

A interação é a maneira pela qual se realiza o compartilhamento de experiências, não só por meio da comunicação oral, da linguagem, das palavras e dos códigos, como pela comunicação escrita, pela observação e pela prática. O exemplo mais comum e conhecido de interação são as relações interpessoais, onde os indivíduos fazem suas exteriorizações pelo diálogo. Nesse sentido, objetiva-se desvendar como esse processo se dá dentro das organizações, como se constrói, se articula e se concretiza, demonstrando como essas mesmas organizações se tornam estruturas de interação.

Para fundamentar este esboço apresenta-se a indissociabilidade entre cultura e comunicação segundo o entendimento dado por Margarida Maria Krohling Kunsch (2006); a comunicação como a própria interação como dão a conhecer José Luiz Braga (2011; 2012) e Ciro Marcondes Filho (2011); a interação exercida pelo lado humano das organizações apresentada por Marlene Marchiori (2006a), e conceituada do ponto de vista de Jürgen Habermas (2012a; 2012b). Demais autores complementam os conceitos apresentados e esclarecem particularidades no raciocínio.

Estruturalmente conceitua-se cultura e interação, procurando entender a cultura organizacional, especificamente, não dissociável da comunicação, por sua vez, entendida como interação, tida como um processo de relações interpessoais em busca de um entendimento em comum. Este processo fundamenta-se na Teoria do Agir Comunicativo (HABERMAS, 2012a; 2012b) ao estabelecer condições e consequências daquelas interações, dentro de um contexto objetivo validado por pressupostos existenciais, de um contexto social validado por pressupostos normativos, e de um contexto subjetivo validado por pressupostos subjetivos; e, ainda, com racionalidade (HABERMAS, 2012a, p. 31, 170, 192-193, 519). Ao se relacionarem os indivíduos se comunicam, e ao se comunicarem culturalizam-se, assim completa-se o processo permeado pelas interações.

Isto posto, exemplifica-se, por meio do relato de Conte (2014), a experiência do trabalho em comissões dentro de um sistema de unidades de informação, inserido em uma organização maior; a composição inicial, seus entrelaçamentos, conflitos, ações e ajustes que se fizeram necessários para o andamento dos trabalhos, e desse modo entender como as organizações viabilizam as interações na construção de novos conhecimentos, na tomada de decisões e na contextualização de seus valores e práticas. A verificação dessa experiência se concretiza a partir da observação participante (FLICK, 2009, p. 207-214), a autora é, ela própria, parte da observação; da vivência *in loco*, uma vez que atua nesse sistema de unidades de informação; e, da análise de documentos fornecidos pelo mesmo sistema de unidades de informação.

Relata-se, ainda, mesmo que brevemente, a aplicação prática de trabalhos em comissões em unidades de informação. A interação é um fator de integração

e compartilhamento dentro de uma organização, assim como de engajamento e criatividade. Para que as organizações possam incorporar de forma eficaz os processos de interação é indispensável o estabelecimento de ações voltadas a esses mesmos processos.

2. CULTURA ORGANIZACIONAL COMO SISTEMA DE INTERAÇÃO

Ao entender a cultura e a comunicação como processos indissociáveis na construção de uma sociedade, percebe-se que as interações se desenvolvem, naturalmente, na transmissão desta cultura, dos costumes e das tradições; a essa construção implicam os contextos que cercam os indivíduos. Cultura pode ser entendida pelo modo como se desenvolve uma sociedade ou um grupo específico. Nas relações entre os grupos, ou mais precisamente nas interações entre seus componentes, o conjunto de códigos e padrões que regulamentam a ação humana, tanto individual como coletivamente, e que se manifesta em todos os aspectos da vida através de crenças, valores, normas, comportamentos aprendidos e a transmissão do conhecimento acumulado são incorporados. Nesse processo se realiza o compartilhamento de experiências, não só por meio da linguagem, como, também, através da observação e da prática, introduzindo os indivíduos aos aspectos perceptivos, atitudinais, relacionais e normativos da sociedade; para que se concretize é fundamental que os indivíduos se relacionem, se comuniquem, interajam (LARAIA, 1986, p. 52; MARCHIORI, 2006, p. 79; WILLIAMS, 2008, p. 11). Neste contexto, temos a cultura caracterizada como a própria comunicação.

No ambiente organizacional esse conceito de cultura se aplica da mesma forma. Códigos e padrões informais que implicam no comportamento, nos hábitos, na mentalidade, nos sentimentos, no modo de interagir e que são compartilhados pelos indivíduos; a maneira pela qual a organização aprende a se ocupar de seus interesses e a direcionar suas ações a fim de atingir seus objetivos. A cultura define qualidades inerentes às organizações (CHIAVENATO, 1999, p. 159-160; MORGAN, 2002, p. 136, 144).

A cultura organizacional é, comumente, composta por elementos visíveis, que podem ser percebidos quando se olha para a organização, para suas salas, para os indivíduos, suas atitudes, vestuário e diálogos. É composta, também, por valores que importam à toda a organização, e que não só definem como justificam as razões do fazer da organização. Ainda, a cultura organizacional é composta por pressupostos baseados na experiência grupal, na subjetividade e na informalidade (ARAUJO; GARCIA, 2010, p. 288; CHIAVENATO, 1999, p. 160-161).

Pode-se considerar, além dos já elencados, outros elementos como: regras e regulamentos que delimitam e determinam o trabalho e as ações; o próprio ambiente

organizacional; além de vocabulários e expressões técnicas usados no cotidiano da organização (ANGELONI, 2010, p. 49; ARAUJO; GARCIA, 2010, p. 289-292). O que difere nas organizações é a forma como as interações se processam, com objetividade, imparcialidade e racionalidade.

Nesse sentido, as múltiplas interações que ocorrem dentro das organizações, representam a construção das organizações em si mesmas, fundamentadas em valores que definem e justificam a razão de ser dessas **organizações**. A importância dada aos indivíduos que compõem as organizações transparece à medida que suas interações consolidam e fortalecem a organização, concebem inovações, e impulsionam a organização como um todo.

3. INTERAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

As organizações são formadas por indivíduos que trazem consigo diferentes aspectos cognitivos e que interagem uns com os outros. Dentre os fatores que influenciam as interações nas organizações pode-se destacar a “dimensão humana” que conforma e atua sobre a cultura organizacional e seu sistema funcional, como apresenta Kunsch (2006, p. 175-178); a dimensão comportamental que abrange habilidades comunicativas, como aponta Angeloni (2010, p. 45); e saberes e habilidades individuais que apoiam e indicam como os indivíduos enfrentam situações concretas, como expõe Habermas (2012b, p. 402). Nesse sentido as organizações são influenciadas pelos indivíduos e suas interações, reforçando a ideia de que toda organização deve atentar para seu lado humano e desenvolver senso crítico ao integrar aspectos técnicos e necessidades pessoais em seu planejamento (KUNSCH, 2006, p. 178; MARCHIORI, 2006, p. 79; MORGAN, 2002, p. 56-58).

A observação é a maneira mais simples para se conhecer ou mesmo entender a cultura, e as subculturas, de uma organização. Essa cultura, não sendo imposta, evolui à medida que as interações ocorrem “entre pessoas, eventos, situações, ações” e outras circunstâncias; assim, ao verificar o cotidiano e as particularidades da cultura organizacional os indivíduos identificam os padrões e a multiplicidade de interações (MORGAN, 2002, p. 148, 157, 174, 260).

A “dimensão humana” das organizações, considerada por Kunsch (2006, p. 175), como uma ação recíproca entre indivíduos e organizações; a indissociabilidade entre cultura e comunicação, como enfatiza Marchiori (2006a, p. 81; 2006b, p. [9]), convertem-se, equivalem-se; e a relação intrínseca entre interação e comunicação defendida por Braga (2011, p. 66; 2012, p. 26) e por Marcondes Filho (2011, p. 171), dos processos interativos emerge algo novo; aponta-se o pensamento de Habermas acerca das interações como um processo de relações interpessoais, e todas as suas implicações, para atingir um entendimento em comum sobre algo ou uma situação, um conhecimento recíproco; interações essas reguladas por normas e de forma

racional (HABERMAS, 1987, p. 33; HABERMAS, 2012a, p. 164, 166, 203).

Partindo da Teoria do Agir Comunicativo – uma situação social orientada pelo entendimento, Jürgen Habermas (2012a; 2012b) considera a interação uma ação que permite a todos os participantes coordenarem mutuamente suas próprias ações e alcançarem seus objetivos já enunciados, sem restrições, uma ação consensual. Essa interação é mediada pela linguagem, que atua como coordenadora das atividades inerentes à própria interação e da socialização dos indivíduos participantes, assim como assume funções de entendimento. Neste sentido tem-se o entendimento como a interação que busca um acordo comum, porém válido. Há que se considerar que as interações sociais podem ser cooperativas ou conflituosas, estáveis ou instáveis (HABERMAS, 1989, p. 164; HABERMAS, 2012a, p. 184, 509-510, 675; HABERMAS, 2012b, p. 45, 118, 158, 215). Para esse entendimento os indivíduos se baseiam em um contexto objetivo, do qual partilham conhecimento; em um contexto social, organizacional e normativo das relações interpessoais; e, em um contexto subjetivo, alimentado pela experiência e pelos sentimentos. Os participantes da interação entram em acordo quanto à legitimidade de suas exteriorizações – a verdade, para pressupostos existenciais; a correção, para pressupostos normativos; e, a sinceridade, para pressupostos subjetivos. (HABERMAS, 1989, p. 167-168; HABERMAS, 2012a, p. 138, 184, 191-193). Como um processo de interpretação em comum o entendimento exige racionalidade (HABERMAS, 2012a, p. 194, 203).

Para Habermas um indivíduo racional é eficiente, justifica e fundamenta suas exteriorizações por pressupostos normativos e valorativos, assume atitudes positivas frente ao entendimento, e atua com imparcialidade e moralidade diante de conflitos normativos. À medida que o entendimento se estabelece os indivíduos participantes da interação submetem suas exteriorizações aos demais envolvidos; esta conciliação é embasada no conhecimento que se tem da cultura e em seus próprios contextos individuais. Há que se considerar, ainda, as abordagens tomadas quanto a ações com fins específicos, neste caso o entendimento é um processo cooperativo. Para que a interação se efetive os indivíduos precisam atuar no processo desde o seu início, de forma presencial ou virtual. E, ainda, os participantes da interação avaliam cada situação, acordada ou não, pela posição dos indivíduos na aceitação ou rejeição da validade das exteriorizações (HABERMAS, 1987, p. 58, 167; HABERMAS, 2012a, p. 49-50, 52, 55, 193-4, 217). Entretanto, ao considerar o agir comunicativo Habermas indica que há interações, mediadas pela linguagem, que não exercem as funções de uma ação orientada pelo entendimento (HABERMAS, 2012a, p. 499).

Em princípio, interações ocorrem quando ações organizadas por indivíduos desencadeiam respostas por meio de outras ações advindas de outros indivíduos, não como meras relações causais, mas como relações interpessoais (HABERMAS, 2012b, p. 14, 19). As relações interpessoais que se estabelecem pressupõem que os participantes dessas interações possam ser reconhecidos uns pelos outros nas suas

exteriorizações ao possibilitarem o entendimento em comum (HABERMAS, 2012a, p. 36; HABERMAS, 2012b, p. 42). Para tanto as organizações se posicionam além de sua tecnicidade e produtividade direcionando seus esforços para o comportamento de seus indivíduos, como são e como agem, além de seu capital intelectual (MARCHIORI, 2006, p. 79).

Da mesma forma esse reconhecimento age nas interações quando seus participantes tomam iniciativas em relação a outros indivíduos, e respondem por elas. A assunção dessa responsabilidade implica em comportamentos que inspirem credibilidade, confiança e caráter (HABERMAS, 2012b, p. 165-166); comportamentos esses que se estabelecem quando o discurso, a argumentação, enfim, a fala dos indivíduos se validam em pressupostos existenciais dentro de um contexto objetivo, ou seja, aquilo que é dito é verdadeiro; em pressupostos normativos dentro de um contexto social, ou seja, aquilo que é dito está correto; e em pressupostos subjetivos dentro de um contexto subjetivo, ou seja, o indivíduo é sincero (HABERMAS, 1989, p. 167-168; HABERMAS, 2012a, p. 191-193). Nas interações, a partir da convivência entre os indivíduos, normas sociais se constituem e uma vez inevitáveis podem-se percebê-las sendo aplicadas a um ambiente organizacional, onde são reconhecidas, entendidas e definidoras de comportamentos (HABERMAS, 1987, p. 57).

As ligações entre pretensões, contextos e pressupostos podem ser mais bem visualizadas no quadro a seguir:

Pretensões de Validade	Mundo da Vida	Pressupostos
Verdade	Contexto objetivo	Pressupostos existenciais
Correção	Contexto social	Pressupostos normativos
Sinceridade	Contexto subjetivo	Pressupostos subjetivos

Fonte: a autora, com base em Habermas (2012a, p. 192-193).

As organizações precisam considerar esses contextos, bem como a complexidade que permeia as interações a partir de perspectivas interpretativas na intenção de que essas mesmas interações sejam positivas (KUNSCH, 2006, p. 177), uma vez que as organizações se desenvolvem, são estimuladas e representadas por pessoas (MARCHIORI, 2006, p. 83; MORGAN, 2002, p. 119). Assim, o diálogo, entendido como a fala entre dois ou mais indivíduos, se torna essencial no delineamento dos contextos, na solução ou crítica às questões controversas, e na legitimação das relações hierárquicas, o próprio diálogo pressupõe a interação onde os indivíduos se comunicam livremente, pressupõe reciprocidade; já o discurso, entendido como um enunciado individualizado, se apresenta na validação dos argumentos, de acordo com o contexto, e na fundamentação da seriedade das razões ao demonstrar seu poder motivacional e de convencimento; apresenta-se, também, como um recurso empregado na ação (ALMEIDA, 1989, p. [9]; BENVENISTE, 1976, p. 84, 281, 286;

HABERMAS, 2012a, p. 48).

Tanto o diálogo quanto o discurso se valem da linguagem como meio para a interação (BENVENISTE, 1976, p. 26; HABERMAS, 2012b, p. 118). Como um fator humano, a linguagem é o lugar e o recurso empregado na interação e na reprodução da realidade quando, nas exteriorizações, os indivíduos tornam acessíveis suas experiências (BENVENISTE, 1976, p. 17, 26, 30, 284). Assim sendo, a linguagem pressupõe significados construtivos para os contextos. Ao assumir funções de entendimento, de mediação, de coordenação de ações e de socialização dos indivíduos, e ao atuar na formação de identidades a linguagem realiza a reprodução das culturas e a transmissão das tradições (BENVENISTE, 1976, p. 13; HABERMAS, 1989, p. 41; HABERMAS, 2012b, p. 8, 10, 109, 113, 118, 158, 473). Com efeito, como afirma Benveniste (1976, p. 284) “a linguagem, sem dúvida, se encontra de fato assim empregada porque os homens não encontraram um meio melhor nem mesmo tão eficaz para comunicar-se” ou interagir, como se emprega aqui. Como referência à sua realidade, toda organização estabelece uma linguagem técnico-profissional, um vocabulário próprio, seu jargão. Essa linguagem representa a realidade da organização e mapeia seu cotidiano, seu modo de ser e suas ações (ANGELONI, 2010, p. 49; BENVENISTE, 1976, p. 30; GUERRA, 2006, p. 156-157; MORGAN, 2002, p.158).

A interação nas organizações pode ser facilmente constatada no trabalho em equipes, ou como colocam Koontz e O'Donnell, no trabalho em comissões (KOONTZ; O'DONNELL, 1962, p. 245, 247). Analisando especificamente este instrumento administrativo os autores consideram a interação essencial ao trabalho em comissões, pois é baseado na colaboração, coesão e compromisso, justapondo as contribuições, respeitando e aceitando as individualidades e as opiniões divergentes – a interação ocorre contextual e simultaneamente (BERRY, 1996, p. 231-232); podendo ter caráter administrativo, decisório, consultivo ou deliberativo essa ferramenta de trabalho pode ser empregada em todos os tipos de organizações. Como salienta Casado (2002, p. 237), a interação no trabalho em comissões possibilita o crescimento individual, que por sua vez reflete no âmbito profissional. O trabalho desenvolvido pelas comissões deve estar não só em consonância com os objetivos da organização, mas deve ser realizado a fim de encontrar as melhores alternativas e soluções para que a organização atinja seus objetivos; ações orientadas pelo entendimento (HABERMAS, 2012a, p. 499).

A razão mais importante para o uso de comissões nas organizações é a deliberação e a tomada de decisões. Estas ações integram procedimentos cooperativos de interpretação de situações, de coordenação das ações e de legitimidade das exteriorizações (HABERMAS, 2012a, p. 138, 184, 191-192). Casado (2002, p. 243) aponta, ainda, que a existência de regras, padrões morais e valores legitimam o comportamento dos componentes das comissões e a definição dos papéis a se desempenhar esclarece as expectativas. A interação conduzida por normas se refere

ao comportamento dos indivíduos de um grupo social, que norteiam suas ações por “valores em comum”, a expectativa de um comportamento ordenado por regras (HABERMAS, 1987, p. 57; HABERMAS, 2012a, p. 164). Esse contexto social determina as interações normativas que pertencem às relações interpessoais (HABERMAS, 2012a, p. 170).

Com o modelo de interação de Habermas pressupõe-se que os participantes da interação mobilizem seu potencial de racionalidade incluso nas relações entre indivíduos e os seus contextos a fim de chegarem a um entendimento (HABERMAS, 1987, p. 57), tornando o processo imprevisível, pois, a busca pelo consenso constitui-se em algo inovador para todos os participantes (MARCONDES FILHO, 2011, p. 171).

As interações devem ocorrer em todos os níveis da organização, de forma horizontal e vertical. Devem estabelecer um fluxo informacional eficiente e desinteressado, onde são identificadas as melhores alternativas para o desempenho organizacional, dando embasamento às decisões (MOTTA, 1988, p. 81). As relações interpessoais enfatizam a formação de grupos ou equipes, estimulam as interações e desenvolvem o senso de eficiência e confiança mútua (CHIAVENATO, 1997, p. 38-39; CHIAVENATO, 2000, p. 407; MCGREGOR, 1980, p. 108; PATEMAN, 1992, p. 91).

Cabe ressaltar que mesmo os processos interacionais abertos ao diálogo e à cooperação implicam relações de poder, o que permite admitir que outras situações relativas às interações, em modelo de comissões exemplificado a seguir, podem suscitar conflitos e instabilidade. O entendimento se vale da conciliação dos interesses, tendo como base “posturas de poder equilibradas” (HABERMAS, 2012a, p, 78).

4. INTERAÇÕES NA PRÁTICA

Um exemplo prático de interações, ocorrendo em comissões, pode ser visto no Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O SiBi tem como missão ofertar à comunidade universitária e à comunidade em geral o controle e o acesso adequados às informações em Ciência e Tecnologia, essenciais para as atividades universitárias, tanto de cunho acadêmico como administrativo, e para o pleno exercício da cidadania. É constituído por 20 unidades geograficamente dispersas, tanto em Curitiba como no interior do estado do Paraná, o que torna indispensável uma maior integração entre as unidades, entre seus servidores e entre o SiBi como um todo.

Indo ao encontro das expectativas trazidas com o incremento do seu quadro de servidores o SiBi implanta o Programa de Gestão do Conhecimento (PGC) (CAMARGO et.al., 2012), que tem como objetivo principal formalizar uma rede de interações. O quadro funcional se tornou bastante heterogêneo: a faixa etária abrange dos 20 aos 70 anos de idade e a formação dos servidores inclui todos os níveis educacionais

(CONTE, 2014, p. 3). Apesar de não ser possível aos indivíduos conhecerem todos os aspectos culturais do grupo, um mínimo desse conhecimento se faz necessário e deve ser compartilhado, possibilitando a convivência; preceitos e normas sobre como as coisas devem ser feitas, ou como não devem ser feitas. A diversidade de indivíduos traz anseios e aspirações contraditórios. Anseio de pertencimento, de ser recebido, aceito e apoiado, o anseio de identificar-se com um grupo, tanto para os indivíduos admitidos recentemente como para aqueles já admitidos na instituição. Cabe ao grupo traçar as linhas de um espaço comum, coabitar, por meio de interações, onde a cultura é voltada à educação e treinamentos.

Em auxílio às ações levantadas para a implantação do PGC foram criadas comissões e subcomissões específicas (CONTE, 2014, p. 9). A designação de comissões em unidades de informação tem se mostrado constante. Nascimento, Couto e Bastos (2000, p. 11), frente a circunstâncias gerenciais buscam a participação que traz a inovação, a flexibilidade, a criatividade, a ação e a comunicação, para tanto recomendam a criação de comissões, com reuniões frequentes, oportunizando a exposição e troca de ideias. Na busca por modelos de organização e gestão de bibliotecas, especificamente bibliotecas universitárias do estado de Santa Catarina, Prado e Abreu (2005, p. 117-118) apontam a adoção da gestão por meio de comissões. A composição destas comissões pode tanto abranger a equipe de trabalho da biblioteca como seus usuários, propiciando um equilíbrio de interesses (PINHEIRO, 2013, p. 39). O relato de Gurgel et al. (2006, p. 2-3) sobre sistema de bibliotecas, demonstra um amplo uso de comissões na busca por soluções e otimização dos recursos. Destaca, como ponto positivo, a participação dos indivíduos em mais de uma comissão, de acordo com o interesse de cada um. Aponta adaptações que se fizeram necessárias, tanto na participação como na temática das próprias comissões (GURGEL et al., 2006, p. 4-5). Salieta, ainda, a plena participação dos indivíduos na gestão da organização, uma visão sistêmica ampliada, a obtenção constante de novos conhecimentos, mudanças comportamentais, e o quanto é indispensável investir no capital intelectual da organização (GURGEL et al., 2006, p. 9). Godoy (2010, p. 4, p. 8) cita a comunicação como elo entre o planejamento e a equipe de trabalho; a necessidade de suprimir tarefas especializadas e rotinizadas em excesso; e ainda, que toda a equipe deve conhecer os valores e os objetivos que orientam o trabalho (GODOY, 2010, p. 5). As experiências relatadas corroboram a aplicação da gestão por meio do trabalho em comissões desenvolvido no SiBi.

Em um primeiro momento, a composição das comissões ocorreu de forma voluntária, de acordo com a área de interesse de cada servidor. Entretanto, no decorrer dos trabalhos, observou-se que determinadas comissões precisavam ter entre seus componentes os indivíduos que exerciam as atividades correspondentes à função da comissão. Neste ponto percebeu-se que as interações seriam facilitadas, pois, nas suas exteriorizações, os servidores entendiam as especificidades de cada

comissão em particular (CONTE, 2014, p. 10).

Um ponto a ser considerado para aqueles que compõem uma comissão é conhecer, mesmo que parcialmente, todo o trabalho desenvolvido, pois são os componentes das comissões que levam as demandas das suas unidades, atuando como representantes do quadro funcional; importa, também, a cada componente ser objetivo, imparcial e racional, como coloca Habermas (2012a, p. 49). Assim, os componentes das comissões compreendem sua posição dentro das comissões e o que esta posição representa, percebem que precisam olhar o SiBi como um todo, fundamentar suas decisões e ponderar sobre as consequências das suas ações, diálogos, e mesmo seus discursos, e que afetam o ambiente interno e externo ao SiBi (CONTE, 2014, p. 10).

Observa-se que as comissões estão entrelaçadas, pois um mesmo servidor atua em mais de uma comissão. São os chamados “elos de ligação” propostos por Chiavenato (1997, p. 41); esses entrelaçamentos podem ser analisados pela técnica da sociometria, como medida para as relações interpessoais, como indica Casado (2002, p. 243). A concentração dos mesmos componentes em várias comissões pode demonstrar um maior grau de interações. Entretanto, pode dificultá-las, trazer lentidão e imprecisão, podendo inclusive minimizar a satisfação pelo trabalho bem feito, como a não assunção de responsabilidades em caso de resultados negativos; pode também, por vezes, gerar situações delicadas, quando há que se encontrar os limites entre duas ou mais pessoas (CASADO, 2002, p. 240), ou entre duas ou mais comissões; circunstâncias que ocorrem no decorrer das interações e que podem gerar cooperação *versus* conflito, estabilidade *versus* instabilidade (HABERMAS, 1989, p. 164).

As comissões organizam-se para reuniões de acordo com a necessidade que a função da comissão exige e de acordo com a disponibilidade de seus componentes. As reuniões são previamente agendadas, e este agendamento está disponível para consulta a todos os servidores, uma vez que as reuniões são abertas à participação de todos, para tanto, as comissões diversificam os locais das reuniões nas várias bibliotecas distribuídas nos *campi* da UFPR; os servidores podem participar presencial ou virtualmente. As deliberações são relatadas nas memórias das reuniões com livre acesso a todos os servidores por meio das ferramentas disponibilizadas pelo PGC: agenda, boletim, correio eletrônico corporativo, conferências on-line e Seminário de Integração Profissional (SIP) (CONTE, 2014, p. 11).

Nota-se que o trabalho em comissões proporciona a aproximação dos servidores, mesmo que dispersos geograficamente; o compartilhamento de ideias; a identificação de experiências e conhecimentos; a busca por soluções em grupo; assim como um melhor aproveitamento do capital intelectual disponível no SiBi. Percebe-se, gradualmente, mudanças comportamentais, os servidores mostram-se mais abertos e dispostos a participar e compartilhar (CONTE, 2014, p. 15). Todas

as comissões são formalmente constituídas, nomeadas por portarias e atualizadas anualmente, tendo cada comissão seu próprio coordenador (CONTE, 2014, p. 9), a quem cabe fomentar a interação, manter a cooperação, vencer as intransigências ou mesmo a acomodação entre os componentes, assim como contrabalançar relações de poder que possam surgir, uma vez que os componentes das comissões podem não se sentir igualmente responsáveis pelas decisões por se situarem em vários níveis hierárquicos (CHIAVENATO, 2004, p. 199-200; MEGGINSON; MOSLEY; PIETRI JR., 1998, p. 272).

A atuação das comissões é marcada pelo entrelaçamento e a interdependência; a abrangência das atividades em busca da ampliação da visibilidade da organização; a divisão de tarefas e responsabilidades, tanto dentro de uma comissão como entre as comissões; e a aplicação prática de todo o trabalho desenvolvido. Embora todas as comissões tenham sua importância o trabalho de algumas delas, pela sua relevância tanto para o público interno quanto para o público externo, ganha certo destaque.

Atualmente algumas comissões se reorganizaram, se fundiram ou se tornaram grupos de trabalhos que atuam de acordo com as exigências de suas funções. Essas alterações vieram de encontro à consolidação de comportamentos e atitudes, tomar parte nas decisões da organização estabelece vínculos de confiança; e, à concretização de ações, ao arregimentar esforços e dividir responsabilidades em todos os níveis da hierarquia organizacional; no entanto, o princípio da interação permanece, por meio dos vínculos, dos esforços conjugados e da responsabilidade igualitária.

5. CONCLUSÃO

Ao se colocar as interações em prática inicia-se um processo de crescimento e aprendizagem, não só organizacional, mas também individual. Implanta-se uma forma de introduzir as mudanças necessárias. Ao mesmo tempo busca-se um ambiente engrenado, coeso e propício à integração. O exemplo, aqui abordado, caracterizado pela utilização do trabalho em comissões, ou grupos de trabalho, ou a denominação que venha a ter, pode ser um caminho a se seguir, de comum acordo entre os indivíduos, gradativo e natural.

Outros exemplos podem surgir; pesquisas mais aprofundadas podem comprovar ou refutar as ideias ora apresentadas. A ênfase está em manter as interações constantes, espontâneas ou provocadas, formais ou informais. As organizações interessadas em fomentar interações precisam se voltar para seu lado humano, os indivíduos que a compõe; criar condições e oportunidades para que estas interações se processem. Nesse sentido, os esforços podem ser minimizados com auxílio das tecnologias de comunicação e informação.

Mesmo nas interações que surgem espontaneamente, e que evoluem para

ações que de fato se concretizem, os participantes precisam agir em busca de um entendimento em comum e de acordo com os objetivos da organização; manter posturas e comportamentos condizentes aos seus discursos e falas, de modo a conferir-lhes credibilidade. Esta credibilidade se evidencia quando todos os indivíduos assumem responsabilidades, com ética e profissionalismo. As organizações precisam estar cientes de que a interação é um fator preponderante àquelas que pretendem aceitar o desafio de avançar e melhorar continuamente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guido A. de. Nota preliminar do tradutor. In: HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. [7-10].
- ANGELONI, Maria Terezinha. **Comunicação nas organizações da era do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2010. 167 p.
- ARAÚJO, Luis Cesar Gonçalves; GARCIA, Adriana Amadeu. **Gestão de pessoas: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 2010. 366.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1976. 387 p.
- BERRY, Leonard L. **Serviços de satisfação máxima: guia prático de ação**. Rio de Janeiro: Campus, 1996. 297 p.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Interação como contexto de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-41, 2012.
- CAMARGO, Claudia Regina et al. Implantação do Programa de Gestão do Conhecimento no Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais...** Porto Alegre: UFRS, 2012. 10 p. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/pdf/4QB2.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2012.
- CASADO, Tânia. O indivíduo e o grupo: a chave do desenvolvimento. In: FLEURY, M. T. L. (Org.). **As pessoas na organização**. 7. ed. São Paulo: Gente, 2002. p. 235-246
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 710 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Gerenciando pessoas: o passo decisivo para a administração participativa**. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Makron Books, 1997. 257 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a teoria geral da administração**. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Elsevier, 2004. 634 p.
- CONTE, Selma Regina Ramalho. A Gestão do Conhecimento potencializada pela Gestão Participativa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/100-2213.pdf>>. Acesso em: 15 dez 2014.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 404 p.
- GODOY, A. G. Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos: o modelo de gestão das bibliotecas do UNIRITTER. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. 12 p. (1 Pen-drive)
- GUERRA, Maria José. Contribuições da teoria da linguagem à abordagem da cultura e comunicação organizacional. In: MARCHIORI, Marlene (Org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão, 2006. p. 149-165.
- GURGEL, N. M. C. et al. Comissões especializadas de estudo do SB/UFC: relato de experiência. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 14., 2006, Salvador, BA. **Anais...** Salvador: UFBA, 2006. 11 p. (1 CD-ROM)
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. 236 p.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987. 149 p.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo:

WMF Martins Fontes, 2012a. 704 p. v. 1 – Racionalidade da ação e racionalização social.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b. 796 p. v. 2 – Sobre a crítica da razão funcionalista.

KOONTZ, Harold; O'DONNELL, Cyril. **Princípios de administração**: uma análise das funções administrativas. São Paulo: Pioneira, 1962. 2 v.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas. In: MARCHIORI, Marlene (Org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão, 2006. p. 167-190

LARAIÁ, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 117 p.

MARCHIORI, Marlene. Cultura e comunicação organizacional: uma perspectiva abrangente e inovadora na proposta de inter-relacionamento organizacional. In: MARCHIORI, Marlene (Org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão, 2006a. p. 77-94

MARCHIORI, Marlene (Org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão, 2006b. 341 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luiz Braga. **Matrizes**, v. 5, n. 1, p. 169-178, 2011.

MEGGINSON, Leon C.; MOSLEY, Donald C.; PIETRI JR., Paul H. **Administração**: conceitos e aplicações. 4. ed. São Paulo: Harbra, 1998. 614 p.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**: edição executiva. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOTTA, Paulo Roberto. Razão e intuição: recuperando o ilógico na teoria da decisão gerencial. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 77-94, jul./set. 1988.

NASCIMENTO, C. M. P.; COUTO, A. M. H. C. S.; BASTOS, M. M. S. A biblioteca universitária hoje: gerência compartilhada. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12., 2000, Florianópolis, SC. **Anais... Florianópolis**: UFSC, 2000. 14 p. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

PINHEIRO, L. V. O modelo participativo no desenvolvimento de coleções: o caso do Sistema de Bibliotecas da UFSC. In: AMBONI, N. F. (Org.). **Gestão de bibliotecas universitárias**: experiências e projetos da UFSC. Florianópolis, 2013. p. 35-45.

PRADO, N. S.; ABREU, J. Modelos de organização e gestão das bibliotecas universitárias do estado de Santa Catarina. **Rev. ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 107-123, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/417/530>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 239 p.

Sobre os autores

Alessandra Francieli Weiler Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo- UFSM/FW – RS- Email: comunicacao.alessandra@gmail.com

Ana Beatriz Leite de Souzam Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará; E-mail para contato: anabmilk@gmail.com

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Informação e Comunicação- FIC, da Universidade Federal de Goiás. Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretora Regional Centro Oeste da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Coordenadora do GT Estudos de Periodismo da ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación. e-mail: anacarolina.temer@gmail.com

Aniele Uhlmann Spinosa Graduação em Relações Públicas pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (PUCPR); Curitiba- Paraná; E-mail para contato: anispinosa@icloud.com

Antonio Carlos Persegani Florenzano Mestrando em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná e pesquisador no GP Jor XXI (PPGCOM – UTP). Membro do GP JOR XXI da UTP. Taxista PROSUP/CAPES, e-mail: abonico@gmail.com.

Carla Montuori Fernandes Professor da Universidade Paulista (UNIP); Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da Universidade Paulista (UNIP); Mestre em Comunicação e Cultura das Mídias pela Universidade Paulista (UNIP); Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Pós-doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); E-mail: carla_montuori@ig.com.br

Carlos Alberto de Souza Doutor em Ciência Humanas (Interdisciplinar) pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2005), Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS (1999) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (1983). Especialista em Psicologia da Comunicação (UFSC) e em Comunicação Social - Universidade do Vale do Itajaí. Atualmente é professor Adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR

e atua como coordenador do Grupo Foca Foto e Foto&Tec, além de trabalhar no Projeto de extensão Ade (Televisão) do Departamento de Jornalismo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Fotojornalismo, Jornalismo, Rádio e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, fotojornalismo, comunicação, educação a distância, ensino e pesquisa. Atualmente tem se dedicado ao estudo da imagem (estática e em movimento) por meio do Grupo de Pesquisa Interart. Autor dos livros: - O Fundo do Espelho é Outro: Quem liga a RBS liga a Globo (1999) - Telejornalismo e Morte: a interdição do ver no noticiário televisivo (2008) - Coleção Mídias contemporâneas e Imagética (organizador) - Organizador dos livros: Impressão de Jornalista (volumes I, II e III), Coleção Imagética (v. I e II) e Coleção Mídias Contemporâneas (Volumes I e II)

César Maia Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP; Doutorando em Sociologia na Universidade da Beira Interior – UBI; E-mail para contato: cesarpmm@hotmail.com

Christinny Matos Garibaldi Pires Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Bolsista do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação da UFJF (PET - Facom) X; E-mail para contato: christinnyg@gmail.com

Cristine Rahmeier Marquetto Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e Mestra em Processos e Manifestações Culturais na Universidade FEEVALE (2015). Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Trabalha na área de produção cultural, elaborando projetos para leis de incentivo e se envolvendo com políticas públicas de cultura. Também atuou como docente na instituição SENAC, em Canoas/RS, lecionando sobre cultura, comunicação, planejamento, eventos, projetos, produção, dicção e oratória. O foco de suas pesquisas tem sido a comunicação e os estudos culturais, tendo interesse nas áreas de democracia social e cultural, políticas públicas e educação.

Daniel Rodrigo de Freitas Apolinário Analista da Embrapa Informática Agropecuária; Graduação em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: daniel.apolinario@embrapa.br

Daniele Iachecen Graduação em Relações Públicas pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (PUCPR); Curitiba- Paraná; E-mail para contato: daniele.iachecen@gmail.com

Diego dos Santos Barbosa Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará; E-mail para contato: diegosbarbosa95@hotmail.com

Dirceu Martins Alves Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus – Bahia. Membro do corpo docente do Departamento de Letras e Artes, atuando no Curso de Graduação em Comunicação Social – Rádio e TV. Graduação em Licenciatura Plena em Letras pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU, Brasil. 1992. Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, Brasil. 1996. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil. 2004. Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PCSP, Brasil. 2010. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Mídia, Cultura, Tradição e traduções (ComMídiaCult/UESC/CNPq). Membro do grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem, da PUC-SP/CNPq. (Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica). E-mail: dirceumalvez@gmail.com

Doraci Masiero Jacobus Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Mestranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Grupo de pesquisa: Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD)/CNPq; E-mail para contato: dmjacobus@uol.com.br

Edson Capoano: Professor pesquisador da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Membro do corpo docente do Programa de Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo; Graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; Doutorado em Comunicação e Cultura pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP); Grupo de Pesquisa: Lógicas e Modelos de Gestão em Jornalismo; E-mail para contato: edson.capoano@gmail.com

Fernanda Safira Soares Campos Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Email: fsafirac@gmail.com

Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa Professor da Fundação Armando Alvarez Penteado – FAAP; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Marketing Digital da FAAP; Graduação

em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade Propaganda pela FAAP; Mestrado em Comunicação pela Universidade Paulista; fernandodineli@gmail.com

Franco Iacomini Junior Doutorando do PPGCOM em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail:fiacomini@gmail.com.

Genira Correia Chagas Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); E-mail: genirachagas@uol.com.br

Guaracy Carlos da Silveira Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Fundação Armando Álvarez Penteado. Mestrado em Comunicação Social – Comunicação Tecnológica e Científica, pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Grupos de Pesquisa: Convergência: Escola expandida, linguagens híbridas e diversidade. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: guaracycarlos@gmail.com

Heloisa de Lima Gomes Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Email: heloisagomeslima@gmail.com

Ingrid Andressa de Almeida Querino Azevedo Graduada do 8º de período de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Bolsista do grupo de pesquisa “Panorama da programação televisiva em Alagoas”. ingrid.azevedo9@gmail.com

Isabelle Loureiro Graduada em Comunicação Social Jornalismo pelo Centro Universitário Augusto Motta. E-mail para contato: bellelouireot@gmail.com

Jenifer Santos Souza Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); São Paulo – SP; Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, 2015) com bolsa CNPq. Cientista social pela mesma instituição (UNIFESP, 2012). É professora de sociologia na rede estadual, (Escola Estadual Padre Anchieta - SP) desde 2012, tendo experiência com as disciplinas de sociologia, história e filosofia. Além da atuação acadêmica, tem experiência profissional com o terceiro setor (ONGs). E-mail: jenifersouza@gmail.com

João dos Santos Vila da Silva Pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária; Graduação em Licenciatura em Ciências – Habilitação em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Mestrado em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE; Doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: joao.vila@embrapa.br

Jonas Gonçalves: Graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero;- Mestrado em Produção Jornalística e Mercado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo;- Grupo de Pesquisa: Lógicas e Modelos de Gestão em Jornalismo; E-mail para contato: jonasgoncalves@gmail.com

Karime Kamel Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Tuiuti do Paraná; Mestranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná; Pesquisadora no Grupo de Pesquisa INCOM - Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (PPGCOM-UTP). Pós graduada em Marketing e Negócios pela Universidade Tuiuti do Paraná; Pós Graduada em Gestão de Pessoas pela UNINTER; E-mail para contato: karimekamel@icloud.com

Kelly Balbino Graduação em Relações Públicas pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (PUCPR); Curitiba- Paraná; E-mail para contato: kellyfernandarp@gmail.com

Laíz Silveira Mestre em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Telejornalismo pela Faculdade de Ensino Superior da Paraíba. Professora substituta de Relações Públicas da UFPB. Email: laizfederal@hotmail.com

Leonardo Rodrigues Corrêa Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Leonardo.rc.correa@gmail.com

Lilian Saback de Sá Moraes Professora do Depto de Comunicação Social da PUC-Rio; Mestrado em Comunicação pela PUC-Rio; Doutorado em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (Brasil) e pelo CIES do ISCTE-IUL (Portugal); Pós-doutorado pela PUC Minas (em andamento); Integrante do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais/CNPq da PUC-Rio e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) da ECO/UFRJ; E-mail: liliansaback@puc-rio.br

Luciane Volpato Rodrigues Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo- UFSM/FW – RS; Pós-graduanda em Comunicação e Marketing pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Email: lucianevr@yahoo.com.br

Luiza Teixeira do Nascimento Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pelo Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Luiza_vr@hotmail.com

Maíra Bittencourt Professora da Universidade Federal de Rondônia; Membro do corpo docente do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia; Graduação em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP; Pós Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade da beira Interior – UBI; Líder do Grupo de pesquisa em Linguagens e Práticas Jornalísticas – LIPJOR; E-mail para contato: maira_bittencourt@hotmail.com

Márcia Izabel Fugisawa Souza Analista da Embrapa Informática Agropecuária Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL- Mestrado em Planejamento e Administração de Bibliotecas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCAMP. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: marcia.fugisawa@embrapa.br

Marcio Bico Bacharel em Direito e Jornalismo pela Universidade Paulista (UNIP); Mestre em Comunicação e Cultura das Mídias pela Universidade Paulista (UNIP); Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da Universidade Paulista (UNIP); E-mail: marciobico@hotmail.com

Maria Salett Tauk Santos Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Docente do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex/UFRPE) e do Programa de Pós Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social (PGDCS-UFRPE). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Comunicação, Tecnologia e Culturas Populares (POSMEX). Membro da equipe de Coordenação do Observatório de Extensão Rural - OBSERVATER, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisadora membro da ORCID. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1971), Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1982) e Doutorado em Ciências da Comunicação pela

Universidade de São Paulo (1994). Autora, entre outras obras, dos livros: Comunicação para o Desenvolvimento: redes da memória. 1. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2016; Extensão Rural - Extensão Pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento. 2a. ed. Recife: Fundação Antonio de Souza Abranches - FASA, 2014. 693p (Parceria com o Prof. Brás Callou); Inclusão Digital, Inclusão Social?: usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares. 1. ed. Recife: Edições Bagaço, 2009. v. 1. 256p.

Mirian Magalhães Jornalista e professora no Centro Universitário Augusto Motta. Possui Mestrado em Tecnologia pelo CEFET/RJ, é Especialista em Gestão Estratégica em EAD e se graduou em Jornalismo em 1987 pela UGF. E-mail para contato: mirianmmm@yahoo.com.br

Moisés Cardoso Doutorando do PPGCOM em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail: beiocardoso@gmail.com.

Nadir Rodrigues Pereira Analista da Embrapa Informática Agropecuária; Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdades Integradas Alcântara Machado – FIAM; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: nadir.rodrigues@embrapa.br

Patrícia De Andrade Mestrando em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná e pesquisador no GP Jor XXI (PPGCOM – UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail: pathy_segatta@hotmail.com

Pedro Pinto de Oliveira Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP); Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Pós Doutorado em Comunicação e Artes pela Universidade da Beira Interior (UBI) – Portugal; Email: ppo@terra.com.br

Rhanica Evelise Toledo Coutinho Professor do Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Barra Mansa-UBM; Mestrado Profissional em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro-UTAD (Portugal); Pesquisadora colaboradora LAGERES - Laboratório de

Estudo e Pesquisa na/para a Formação de Professores - CNPq (2010-2018)

Rubia Steffens Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo- UFSM/FW – RS; Email: biasteffens@gmail.com

Selma Regina Ramalho Conte Bibliotecária Documentalista no Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Coordenadora do Programa de Gestão do Conhecimento (PGC) do Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: selmaconte@gmail.com

Tárcila Driely de Souza Cabral Graduada em Jornalismo, curso inserido no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista de Fomento Científico, Tecnológico e Extensão Inovadora – Desenvolvimento Institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal). tarciladriely@gmail.com tarcila.cabral@fapeal.br

Tarcis Prado Junior Doutorando do PPGCOM em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail: tarcisjr@yahoo.com.br.

Tarcísio de Sá Cardoso Universidade Federal da Bahia (UFBA)- Salvador – BA; Professor adjunto do Departamento de Comunicação da UFBA. Doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) pela PUC-SP com bolsa CAPES (2015). Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP com bolsa CNPq (2010). Desenhista Industrial pela UFBA (2006). Membro do grupo de pesquisa TransObjeto (CNPq). Desenvolve pesquisas interdisciplinares com interesse nos trabalhos de Charles S. Peirce e de Bruno Latour. Possui experiência de docência em cursos superiores na área de Comunicação e Filosofia desde 2010, com ênfase em Teorias da Comunicação, Semiótica, Teorias da cibercultura. e-mail: tcardoso@ufba.br

Tatiane dos Santos Pacheco Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Pós-Graduada em Gestão Estratégica de Pessoas da Uceff Faculdades. Email para contato: tatianne_pacheco@hotmail.com

Tatiane Milani Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do

Rio dos Sinos – Unisinos São Leopoldo/RS. Bolsista Capes/
PROEX Taxa. Email para contato: tatimilani10@gmail.com

Tércia Zavaglia Torres Analista da Embrapa Informática Agropecuária Graduação em Administração de Empresas pela Faculdades Integradas da Católica de Brasília – FICB; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR; E-mail para contato: tercia.torres@embrapa.br

Valdecir Becker Orientador do trabalho. Jornalista, mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento (2006,UFSC) e doutor em Ciências (Engenharia Elétrica, 2011, USP). Professor no Centro de Informática e nos Programas de Pós-graduação em Jornalismo e Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). valdecir@ci.ufpb.br

Verônica Scheifer Graduação em andamento em Jornalismo- Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Brasil.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-91-2



9 788593 243912